



1.5 • Conjuntura internacional

O renascimento da ideia de independência energética nos Estados Unidos

Pedro Moreira da Fonseca

O DEBATE SOBRE A INDEPENDÊNCIA ENERGÉTICA dos EUA tem sido recorrente desde a década de 1970, ganhando maior relevância nos períodos eleitorais ou quando os fluxos petrolíferos parecem em risco e se verifica uma subida da cotação do crude. Nesta matéria, o problema central é a dependência das importações de petróleo que, entre 1975 e 2010, representaram sempre mais de 80% do total da energia importada pelos EUA.

A independência energética perdida

Entre as duas guerras mundiais acentua-se a apreensão com a exiguidade das reservas de petróleo dos EUA conhecidas na época. Perante este problema, o país apoiou empresas americanas na obtenção de explorações petrolíferas no Médio Oriente e na América Latina, orientação também seguida pela Grã-Bretanha, França e Holanda. Assim, o sistema petrolífero mundial foi, até à década de 1970, dominado por um cartel de sete grandes empresas de capitais europeus e americanos ("sete irmãs"). Através deste oligopólio privado, as grandes potências mundiais garantiram o acesso ao petróleo a preços reduzidos. Após a II Guerra Mundial, a consideração do petróleo como recurso estratégico influenciou as Doutrinas Truman e Eisenhower que tinham entre as suas prioridades impedir a progressão da influência soviética no Médio Oriente, região onde tinham sido descobertas grandiosas reservas e que era considerada fundamental para a segurança nacional e para a projecção do poder americano no mundo. Apoiados neste cartel, os países mais desenvolvidos viram crescer o seu consumo de petróleo e a sua dependência externa. No caso dos EUA, o país importava apenas 8,4% do seu consumo total de petróleo em 1950, valor que subiu para 21,5% em 1970 e para 46,5% em 1977. O sistema petrolífero mundial modificou-se profundamente na década de 1970. Procurando desafiar o domínio das "sete irmãs", a Arábia Saudita, o Kuwait, o Iraque, o Irão e a Venezuela criam em 1960 a OPEP, organização que rapidamente inte-

gra novos membros e estabelece como objetivos o aumento dos preços do petróleo e a regulação da produção. Visando assumir o controlo direto das explorações, a Argélia, o Iraque e a Líbia nacionalizam parte ou a totalidade do sector petrolífero a partir de 1971. Com diversas especificidades, o controlo direto das explorações foi também conseguido ao longo da década de 1970 por Abu Dhabi, pelo Kuwait, pela Arábia Saudita e pelo Irão.

“ [...] é necessário que a independência energética seja assegurada através de uma mudança radical do sistema energético que retire aos hidrocarbonetos a proeminência que detêm. ”

Neste contexto, estavam criadas as condições para uma utilização eficaz do petróleo como arma política. Em 1973, após o início da Guerra do Yom Kippur, a Arábia Saudita, o Iraque, o Kuwait, o Qatar, os Emirados Árabes Unidos e o Irão anunciam um aumento dos preços do crude, assim como os países árabes da OPEP decidem uma redução da produção petrolífera de 5% por mês até que Israel retirasse dos territórios ocupados em 1967. Fixa-se também um embargo total de petróleo aos EUA, à Holanda, a Portugal e à África do Sul. Em Dezembro de 1973 o barril de petróleo valia já 11,65 dólares, quando em 1970 o seu preço era de 1,80 dólares. Apesar da sua curta duração, o choque petrolífero de 1973 afetou negativamente todos os países desenvolvidos. Nos EUA, as consequências foram desastrosas, verificando-se uma queda de 6% do PIB entre 1973 e 1975 e a taxa de desemprego atingiu os 9%.

A independência energética prometida

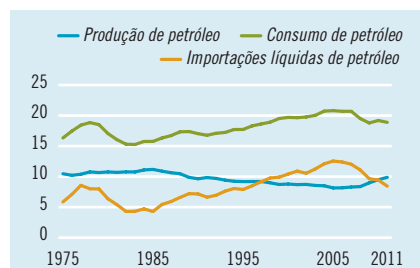
No contexto do choque petrolífero, o debate sobre a independência energética dos EUA assumiu uma elevada relevância no debate político e na sociedade americana. Logo em 1973, o presidente Nixon anunciou o objetivo de tornar os EUA autossuficientes em termos energéticos em 1980, ambição também reafirmada em 1975 pelo presidente Ford. A administração Carter (1977-1981), num contexto marcado pela Revolução Iraniana e por um novo choque petrolífero, procurou impulsionar a poupança e conservação energéticas e desenvolver fontes de energia alternativas ao petróleo. Assim, o consumo de energia diminuiu nos EUA e apenas em 1989 atingiu os níveis de 1979, bem como somente em 2000 o consumo

de petróleo foi superior ao verificado em 1978. Todavia, depois de uma redução do peso das importações de petróleo na primeira metade da década de 1980 nos EUA (em 1985 as importações representaram apenas 27,2% do total do consumo), a dependência externa voltou a crescer devido à diminuição da produção interna e ao crescimento do consumo verificado na segunda metade da década de 1980, na década de 1990 e na primeira metade da década de 2000. Esta é uma evolução que se explica quer pela secundarização das políticas de poupança e conservação energéticas, quer pelo desinvestimento nas fontes de energia alternativas ao petróleo durante as administrações Reagan (1981-1989) e Bush (1989-1993).

A evolução anteriormente descrita abalou os pilares sob os quais assentaram os projetos de independência energética dos EUA, tornando-se este objetivo alvo de forte contestação. Todavia, importa também considerar que uma das diretrizes da política energética dos EUA depois de 1973 não foi simplesmente a diminuição das importações de petróleo, mas também a redução do peso relativo das importações vindas dos países do Médio Oriente e da OPEP. Este objetivo foi amplamente conseguido. O petróleo da OPEP valia 70% da totalidade das importações americanas em 1977 mas diminuiu progressivamente e situou-se em 40% em 2011. Por outro lado, o peso do petróleo importado do Golfo Pérsico na totalidade das importações americanas nunca mais ultrapassou os 28% desde 1977, valendo apenas 16% em 2011. Ao longo da década de 2000, o Canadá afirmou-se como o maior exportador de petróleo para os EUA e, em 2011, forneceu 24% do total das importações americanas, valor superior à soma das importações vindas da Arábia Saudita, da Venezuela e do Iraque. Além disso, em 2011, do hemisfério ocidental vieram cerca de 52% da totalidade das importações de petróleo dos EUA.

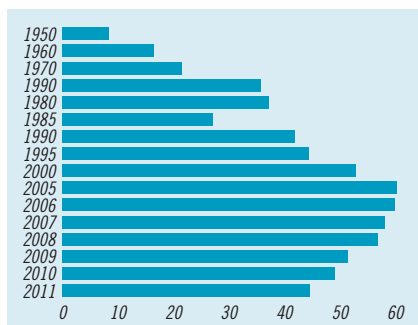
O novo milénio e o renascer da ideia de independência energética

Entre as várias medidas anunciadas pelas sucessivas administrações americanas com vista a garantir a independência energética encontramos a promoção da poupança e conservação energéticas, bem como o desenvolvimento de fontes de energia alternativas ao petróleo e dos recursos fósseis domésticos. É evidente que os EUA se tornaram mais eficientes mas, não obstante algumas oscilações relacionadas com os ciclos económicos, o consumo tem assumido uma tendência de crescimento. Quanto às fontes de energia alternativas note-se que as energias renováveis, por exemplo, nunca representaram mais de 9% do consumo primário dos EUA desde 1950. A ambição de expandir a produção de hidrocarbonetos encontrou



Consumo, produção e importações de petróleo dos EUA (em milhões de barris por dia).

Fonte: U.S. Energy Information Administration, Annual Energy Review 2011. Nota: A produção de petróleo inclui também os combustíveis líquido produzidos a partir do gás natural, os ganhos de refinação e outros combustíveis líquidos.



Dependência das importações de petróleo no consumo total dos EUA (em %). Fonte: U.S. Energy Information Administration, Annual Energy Review 2011.

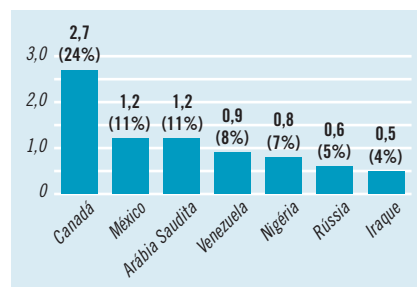
na relativa reduzida dimensão das reservas conhecidas nos EUA uma séria limitação. Durante a administração de Bill Clinton (1993-2001) e primeiro mandato de George W. Bush (2001-2005) a produção de petróleo dos EUA diminuiu e o consumo e a dependência externa aumentaram. Em Maio de 2001 é publicado o relatório *National Energy Policy* que, apesar de advogar o reforço da exploração doméstica de hidrocarbonetos, argumentava que a produção de petróleo do país, tendo atingido o pico em 1970, iria diminuir progressivamente o que, conjugado com o crescimento do consumo, levaria ao aumento da dependência externa. Contudo, os ataques terroristas em 2001 nos EUA relançaram o debate sobre a independência energética do país, a qual permitiria eliminar as importações de crude da volátil região do Médio Oriente e, entre outros aspetos, “secar” uma das fontes de financiamento de algumas organizações terroristas. Assim, no discurso sobre o estado da Nação de 2003, também George W. Bush anuncia o objetivo da Independência energética através de investimentos na eficiência e conservação energéticas, do desenvolvimento de fontes alternativas de energia, bem como do aumento da produção doméstica de energia.

Na segunda metade da década de 2000 aconteceu aquilo que se considerava impossível ainda no início dessa década: a produção doméstica de hidrocarbonetos dos EUA começou a crescer significativamente. Para esta evolução contribuíram o desenvolvimento tecnológico (*horizontal drilling* e *hydraulic fracturing*) que tem permitido explorar recursos fósseis não convencionais anteriormente inacessíveis (*shale gas*, *shale oil* e recursos no *offshore* a grandes profundidades) e aumentar a taxa de recuperação das explorações, bem como os elevados preços do petróleo nos mercados mundiais que viabilizam economicamente estas explorações. Não obstante o presidente Obama se ter revelado mais cauteloso em matéria de independência energética e de realçar a importância da eficiência e conservação energéticas e das energias renováveis, não deixou de anunciar no documento *Blueprint for a Secure Energy Future* de 2011 o objetivo de expandir de forma “segura e responsável” a exploração de gás e petróleo nos EUA.

Estes recursos não convencionais, que a própria Agência Internacional de Energia considera grandiosos a nível global, aliado ao facto de os EUA serem um dos países do mundo com maior po-

tencial de reservas não convencionais, têm suportado a expectativa de que o crescimento da produção ao longo dos próximos anos, conjugada com a diminuição do consumo possibilitada pela substituição de fontes e pela melhoria na eficiência energética, permita que os EUA se aproximem dos objetivos da independência energética. Mesmo entre aqueles que consideram difícil ou mesmo impossível atingir tais objetivos, surge a ideia de que os recursos convencionais e não convencionais de países como o Canadá, Venezuela, México e Brasil serão suficientes para que os EUA satisfaçam as suas necessidades energéticas no hemisfério ocidental e deixem de depender da volátil região do Médio Oriente.

Considerando que o desenvolvimento dos hidrocarbonetos não convencionais avança a um ritmo favorável, bem como secundarizando por agora os importantes desafios que estas explorações enfrentam (ambientais, consequências para a saúde humana e viabilidade económica), importa realçar que o país retirará evidentes dividendos em termos económicos (criação de riqueza e de novos empregos, diminuição da fatura energética, melhoria da balança comercial). Num cenário extremo, a independência energética ou mesmo diminuta dependência será um recurso valioso no caso de um grande conflito militar colocar em causa os fluxos energéticos mundiais e exija um significativo esforço de guerra dos EUA. Contudo, excluindo um cenário de conflito, mesmo com uma situação de independência energética ou reduzida dependência, é um mito pensar que os EUA ficarão imunes a uma possível desestabilização do Médio Oriente. A verdade é que este interesse revigorado em torno da independência energética dos EUA assenta no reforço do petróleo e do gás natural. Assim, mesmo que os EUA sejam totalmente independentes em termos energéticos e não consumam uma gota de petróleo árabe, qualquer crise ou conflito que ameace ou afete os fluxos petrolíferos daquela região terão um impacto extraordinário nos preços a que o crude e o gás são comercializados nos mercados mundiais, situação que afetará severamente todo o mundo e, por consequência, também os EUA. Além disso, os países do Golfo Pérsico detêm o essencial da capacidade adicional de produção de petróleo a nível mundial, elemento essencial porque, numa situação de interrupção ou quebra na produção de um país produtor ou em situações caracterizadas pela



Importações de petróleo dos EUA por país de origem em 2011 (em milhões de barris por dia).

Fonte: U.S. Energy Information Administration, Annual Energy Review 2011. Nota: As percentagens referem-se ao peso das importações no total das importações de petróleo dos EUA.

EUA: A ANATOMIA DE UMA SUPERPOTÊNCIA ENERGÉTICA

Entre 1975 e 2011, os combustíveis fósseis garantiram entre 82% e 91% do consumo de energia primária dos EUA. Em 2011, o petróleo representou 36% do consumo primário de energia, o gás natural 26% e o carvão 20%. Em 2011, os EUA foram o terceiro maior produtor mundial de petróleo (*field production*), apenas atrás da Arábia Saudita e da Rússia, e o maior consumidor mundial de forma destacada (20,5%). Quanto ao gás natural, em 2011 os EUA foram os maiores produtores mundiais (20%), apenas seguidos de perto pela Rússia (18,5%), bem como os maiores consumidores do mundo (21,5%). No que diz respeito ao carvão, os EUA são os detentores das maiores reservas mundiais (27,6%) e em 2011 foram os segundos maiores produtores (14,1%) e consumidores (13,5%) do mundo, apenas ultrapassados pela China. Em 2011 as importações líquidas de energia dos EUA situaram-se em cerca de 19% do total do consumo, sendo que, no total das importações, o petróleo representou 86% e o gás natural, vindo maioritariamente do Canadá, valeu 12%. Depois de entre 1998 e 2009 a dependência das importações de petróleo dos EUA se ter situado sempre acima de 50% do total do consumo deste recurso e de ter atingido um máximo histórico em 2005 (60,3%), verificou-se uma diminuição progressiva deste valor que se situou nos 45% em 2011, valor mais baixo desde 1995. No caso do gás natural, em 2011 as importações americanas situaram-se no valor mais baixo desde 1992. Relativamente ao petróleo, as razões da diminuição da dependência externa estão relacionadas com a redução do consumo entre 2005 e 2011, assim como com o crescimento da produção verificado desde 2007. Já no caso do gás natural, o crescimento do consumo entre 2005 e 2011 foi mais do que compensado pelo significativo aumento da produção interna verificado desde 2007.

Fonte: U.S. Energy Information Administration, Annual Energy Review 2011 e BP Statistical Review of World Energy 2012.

acentuada subida dos preços do crude, permite colocar no mercado num curto espaço de tempo uma quantidade adicional de petróleo.

Na verdade, para que qualquer país reduza a sua vulnerabilidade face à região do Médio Oriente não basta deixar de consumir petróleo árabe, mas é necessário que a independência energética seja assegurada através de uma mudança radical do sistema energético que retire aos hidrocarbonetos a proeminência que detêm. Nos EUA, como noutros países, para concretizar tal aspiração seriam necessários fortes ganhos na eficiência e conservação energéticas que levem à diminuição do consumo, bem como um extraordinário desenvolvimento dos recursos renováveis de energia. Pelo contrário, o que está a verificar é um reforço da exploração dos hidrocarbonetos convencionais e não convencionais. ■

Nota

Todos os dados estatísticos e valores utilizados ao longo do texto foram publicados pela U.S. Energy Information Administration no relatório *Annual Energy Review 2011*. Disponível em: <http://www.eia.gov/totalenergy/data/annual/pdf/aer.pdf>